

D. UM POUCO DE COSMOTROPISMO

Esta sessão final não chega a *tratar* de nada: apenas *aponta*. A direção em que aponta será um pouco mais explorada no volume-irmão *Filosofia do Convívio* (especialmente no artigo “CruX”), e sobretudo em um volume planejado sobre a questão da fé. Sobre o título da seção, queremos mencionar que tem certa relação com o da seção A – além de com tudo mais.

13.

Para uma aproximação ao sentido profundo do Convívio

Sem processos de natureza meditativa não se faz educador apto a este caminho. *Retificando*: sem processos de natureza meditativa não se faz educador apto (ponto).

Isso não significa que é preciso ligar-se a grupos, filosofias ou religiões. É mais uma questão de ligar-se consigo mesmo.

A capacidade meditativa é uma faculdade de todo ser humano, tão natural quanto a de alongar os músculos, a visão, a fome. Não dependente de estruturas culturais, como são as religiões.¹ Mas na integração entre o superficial e o profundo de si costuma emergir um *senso de sentido* no qual com frequência se vivencia também um sentimento de *sagrado*.

Esses “processos de natureza meditativa” podem mas não precisam ser “meditação” no modelo clássico de um período sentado em silêncio. Também podem mas não precisam ter o auxílio de símbolos, mantras etc.

Na nossa abordagem a porta principal é a auto-observação: sem julgamento moral, sem reflexão analítica; e observação não dos conteúdos mas *do funcionamento* de si.

Conteúdos de memória acabam emergindo no processo, mas não são o ponto de partida, nem o objetivo principal, e dar-lhes excessiva importância, até para combater seu surgimento, seria dar-lhes o gosto de “roubarem a cena”.

Há também práticas onde a ênfase está na atenção visual e auditiva ao entorno. Nos dois casos é preciso esclarecer que a observação não é em si meditação, mas uma vez aquietada e concentrada tende a conduzir a um estado meditativo, ou no mínimo a um realinhamento dos processos mentais análogo ao provocado pela meditação.

Nossa Sintonização Somatopsíquica (ver 8) é um caminho nessa direção, adequado principalmente ao trabalho em pequenos grupos. Vai-se aí do relaxamento e quietude conscientizante individual ao trabalho em círculo, geralmente com movimento, mas em certos casos também sem – e aqui é preciso advertir que se trata de um trabalho com condições bastante precisas; está aqui um caso em que *definitivamente* a intenção não basta.

Mas naturalmente podem ser usados outros caminhos – e enquanto esses não tiverem nenhuma pretensão de exclusividade na verdade, nem efeitos redutores da autonomia individual, podemos dizer que estaremos no mesmo barco.

*

¹ Para uma excelente introdução à natureza essencial da meditação como faculdade humana universal, independente de sistemas religiosos ou místicos, ver *Medicina e Meditação* de Roberto CARDOSO, 2005 (na parte prática o livro aborda apenas a meditação em sentido mais estrito).

Concluiremos este assunto compartilhando um verso de que fazemos uso nos círculos de sintonização, geralmente como um lembrete solene na conclusão:²

*Um entre Todos
e Um com Todos
Eu Sou
:
é o Todo
que me dá o poder
de ser
Um
.*

² Em trabalho grupal *não* recomendamos sua repetição continuada em voz alta; em outras palavras: não estamos tratando aqui de efeitos hipnóticos.

14.

O Manifesto do Reencantamento do Mundo**2001/2006****A IDÉIA E O MOVIMENTO**

Tomei conhecimento da expressão de Max Weber “desencantamento do mundo” (*Entzauberung der Welt*) nas aulas do Prof. Dr. José Carlos de Paula Carvalho (ver apresentação da seção C). Fiquei... encantado – ao ver que já estava reconhecido e nomeado um processo do qual eu já tinha certa percepção, embora pouco distinta, junto com a intuição de que isso estava entre “as coisas que realmente importam” para entender os nossos tempos.

Não muito depois conheci o Prof. Dr. Marcos Ferreira SANTOS que, um entre todos os docentes que conhecemos na USP, se interessou por visitar pessoalmente a Trópis – a partir do que veio nossa participação, a seu convite, na I Semana da Educação da FEUSP (2000), com palestras, show musical e oficina de teatro.

E foi dele que ouvimos a primeira vez que nosso trabalho fazia parte de algo chamado “reencantamento da educação”.

Trazida a expressão aos encontros com os jovens no bairro, a reação destes foi entusiástica: começamos a aprofundar o assunto em oficinas semanais, e veio deles a sugestão de que era matéria para um manifesto. Por várias semanas fui redigindo e fomos discutindo o texto a seguir, que por escolha dos jovens assumiu o título “reencantamento do mundo”, e não apenas “da educação”.

O manifesto foi lançado em 01.12.2001 no Centro Cultural Monte Azul, com show da banda Provisório Permanente e leitura cênica por Anabela Gonçalves, Gil Marçal e Ralf Rickli. O texto foi distribuído em folders com desenho de Alexandre Vaz na capa: em torno da árvore de Natal tropical com que festejamos a virada do milênio: uma bananeira, os prédios ao longe, uma alegre moita de capins-notas-musicais, pássaros-livros, flores cantando ou “teatrando”...: convívio natureza-cultura como ideal.

Em 2002 o movimento prosseguiu com a realização de eventos (outros shows, feira cultural, intervenção em praças degradadas) sob o nome Campanha do Reencantamento do Mundo. Nesse período, os traços representando um beija-flor (realizados por Peu Pereira) foram sendo aplicados como um selo em postes, muros, camisetas e nos papéis da Trópis, com a expressão “fique de olho no Beija-Flor!” – e foi ainda com a pintura de um beija-flor na parede externa que inauguramos a Casa de Cultura Trópis em São Vicente, em maio de 2003 (para mais detalhes e documentação visual, ver a Foto-História em www.tropis.org).

Cabe admitir que o manifesto não é um texto sem problemas: alguns se queixaram de que ficou erudito demais – sobretudo pela menção sem explicação “salvar Galileu e queimar Giordano Bruno deu numa civilização manca”. Por outro lado, tivemos a impressão de que a outros intelectuais que trabalham com o conceito “reencantamento” pode ter causado certo incômodo o *animismo* de partes do nosso texto – devedor assumido não só de pensadores europeus mas também de formas de saber extra-acadêmicas, sobretudo de sabor ameríndio.

Na ocasião me propus a escrever uma “Cartilha do Reencantamento”, com o texto do manifesto e comentários, o roteiro da palestra *Idéias e ações para o reencantamento do cotidiano* – e quem sabe ainda uma versão mais popular do próprio manifesto. (Um dos jovens disse: “queria que a minha mãe lesse e entendesse...”) Mas esse foi mais um de tantos planos interessantes que a correnteza da vida foi deixando de lado...

Enfim: uma exposição mais analítica da idéia do reencantamento, embora bem breve, se encontra neste volume em 2.5. A versão do texto apresentada aqui é a quarta, mas os ajustes da cada uma em relação à anterior foram mínimos. E o manifesto está disponível também em www.tropis.org/biblioteca, na página “Torpedos Tropeiros”.

